



7 • Correio Braziliense — Brasília, quinta-feira, 24 de julho de 2025

Bolsas Na quarta-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Dólar Na quarta-feira	Salário mínimo	Euro Comercial, venda na quarta-feira	CDI Ao ano	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
0,99% São Paulo	133.381	R\$ 5,523 (- 0,79%)	R\$ 1.518	R\$ 6,503	14,90%	14,92%	Fevereiro/2025 1,31 Março/2025 0,56 Abril/2025 0,43 Maio/2025 0,26 junho/2025 0,24
1,14% Nova York	18/7 21/7 22/7 23/7	17/julho 5,547 18/julho 5,587 21/julho 5,565 22/julho 5,567					

» CB.Poder | JOSÉ LUÍS OREIRO | PROFESSOR DE ECONOMIA DA UnB

O economista admite que haverá perdas, mas acredita que o país vai saber contornar. Contrário à relatição, ele acredita que a melhor saída, considerando o pior cenário, seria o governo brasileiro montar estratégias para lidar com a tarifa de 50%

"Não é o fim do mundo para o Brasil"

» CAETANO YAMAMOTO

O Brasil trabalha contra o relógio na tentativa de reverter a decisão do presidente norte-americano Donald Trump de taxar em 50% os produtos brasileiros que entram nos Estados Unidos. A guerra tarifária foi tema do programa CB.Poder — uma parceria do Correio com a TV Brasília —, que recebeu o professor do Departamento de Economia da UnB, ex-diretor do Centro de Pesquisas Econômicas da Universidade Federal do Paraná, José Luís Oreiro. Ele conversou com os jornalistas Carlos Alexandre de Souza e Samanta Sallum sobre os impactos do tarifaço no Brasil e no resto do mundo. A seguir, trechos da entrevista:

A manifestação do Brasil na Organização Mundial do Comércio (OMC), tem algum efeito ou é mais um gesto simbólico?

O Brasil está fazendo aquilo que manda as instituições vigentes no mundo de hoje. A OMC sucedeu o GATT, que era o Acordo Geral de Tarifas e Comércio, criado imediatamente após Segunda Guerra Mundial, que, inclusive, os Estados Unidos ajudaram a construir. O Brasil está simplesmente se mantendo fiel a essa ordem internacional que foi construída no pós-Segunda Guerra Mundial. E o Brasil está agindo dentro dessas instituições. Agora, a verdade é que elas não estão mais valendo, infelizmente.

Como o senhor avalia a inversão de papéis entre a China, que nunca se alinhou às regras da OMC e manifesta apoio ao Brasil e os EUA, líder da OMC e agora está desvalidando as diretrizes?

A primeira coisa que a gente tem que ter clareza é que os EUA não são mais os donos do mundo. Quer dizer, Trump age como se os EUA pudessem mandar e desmandar no mundo, mas esse tempo já passou. Se a gente avaliar em termos de paridade, poder de compra, a maior economia do mundo é a China, não os EUA. Em termos de produção industrial, também, a chinesa é muito maior do que a norte-americana. Quando se olha em termos de fluxo de comércio, exportações, importações da China também é muito maior. Os EUA são uma potência em decadência. O problema é que

Bruna Gaston CB/DA Press



eles não estão sabendo administrar a sua decadência. Isso dito, a China é um mercado importante para o Brasil, do ponto de vista de produtos primários, mas não em termos de produtos manufaturados. Os EUA são um mercado importante para a indústria de transformação brasileira.

O maior impacto das tarifas seriam no setor industrial e não agrícola?

Muito mais do que o agro. O agro brasileiro depende fundamentalmente da China. Tem algumas coisas que a gente exporta para os EUA, café, por exemplo, suco de laranja e carne. Mas, no caso do agro, a dependência dos americanos com respeito às nossas exportações é maior do que a dependência do Brasil com respeito ao mercado americano. No caso do suco de laranja, parece que 70% do suco de laranja que os americanos



No caso do agro, a dependência dos americanos com respeito às nossas exportações é maior do que a dependência do Brasil com respeito ao mercado americano?"

importam é do Brasil, sendo que as exportações de sucos de laranja para os EUA só representam 40% das nossas exportações de suco de laranja. Essa assimetria afeta, por exemplo, a sua cadeia de restaurantes e Starbucks, que é considerada a cadeia de restaurantes mais valiosa do mundo. Mas o que vende a Starbucks? Café e suco de laranja.

As tarifas impostas ao Brasil são um caso diferente dos outros países que também sofreram a taxaço?

Eu concordo que é um caso à parte, até porque as exigências que o Donald Trump colocou foram políticas, não foram as exigências que ele colocou pro Japão ou para União Europeia. Ele praticamente condicionou a não colocar as tarifas ao indulto do ex-presidente Bolsonaro. E nós vimos agora a coisa absurda de suspender os vistos, de sete juízes do Supremo Tribunal Federal. Isso é uma intromissão inaceitável de uma potência estrangeira num Estado soberano.

O senhor está pessimista sobre os esforços do vice-presidente Geraldo Alckmin e outros atores?

Não necessariamente. O Trump pode, eventualmente, recuar não por causa da nossa pressão, mas por conta da pressão dos empresários norte-americanos. Evidentemente que a Starbucks não vai ficar muito contente, com ter que cobrar mais caro pelo suco de laranja e pelo café que ela serve em seus restaurantes, porque isso significa que ela vai perder competitividade com o homônimo chinês, que a China também tem uma Starbucks dela. Existem setores dos EUA de empresários norte-americanos que vão se sentir prejudicados.

O Brasil tem condições de lidar com uma eventual crise?

Sim. Temos resiliência, e mais, o Brasil é um país soberano, que tem sua própria moeda, que tem US\$

350 bilhões em reservas internacionais. O Brasil financia parte da dívida americana, porque as reservas são mantidas em títulos da dívida pública americana. O Brasil pode começar, por exemplo, a diversificar suas reservas, como aliás já vem fazendo há algum tempo. Por exemplo, aumentar as suas reservas em euro, que é uma e a segunda moeda de reserva nacional do mundo. Não vou pintar um cenário róseo, dizer que não vai acontecer nada. Não, vai acontecer, tem consequências econômicas, mas não é o fim do mundo para o Brasil, com serenidade, sem ideologia. E unindo os esforços de todos os brasileiros, governo federal e governos estaduais, podemos perfeitamente superar essa crise, como já superamos tantas outras.

A Federação das Indústrias de Minas Gerais prevê perda de 1,3 milhão de empregos no Brasil e cerca de R\$ 175 bilhões em relação ao comércio, como o senhor avalia o impacto disso nas empresas brasileiras?

É evidente que as grandes empresas têm mais facilidade de lidar com o tarifaço na medida, que são capazes de buscar mercados alternativos por conta própria, as pequenas e médias empresas vão ser mais afetadas. Tem que ver caso a caso qual vai ser o impacto do tarifaço sobre o setor. Agora, esse estudo (da FIEMG) está supondo que o governo brasileiro vai ficar sentado sem fazer nada, e não é isso que vai acontecer.

O senhor acha que o Brasil deveria aplicar a Lei da reciprocidade?

A melhor coisa que se pode fazer com um egôlatra como Trump é não dar atenção para ele. Eu acho que se a gente retaliar, o que ele vai fazer no dia seguinte, no mesmo dia, vai dizer que agora é 100% de tarifa. Aí o Brasil então vai ter que aumentar a taxa de novo. Isso não vai levar a lugar nenhum. O que leva a algum lugar é adotar medidas concretas para enfrentar esse tarifaço. O que eu faria, seria supor que o pior cenário, ou seja, vai ocorrer o tarifaço em todos os setores e quais são os instrumentos e as estratégias que o governo brasileiro tem para lidar com a situação. Ponto.

*Estagiário sob a supervisão de Edla Lula

CONSUMIDOR

Cade aperta o cerco contra cartel de postos de combustíveis

O Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) designou o mercado de combustíveis líquidos como prioritário para análise nos exercícios de 2025 e 2026, buscando a promoção da livre concorrência e à repressão de práticas anticoncorrenciais nesse setor.

De acordo com portaria publicada no Diário Oficial da União (DOU), a Superintendência-Geral do órgão deverá priorizar a instrução e condução de investigações

de cartéis e de práticas colusivas referentes ao mercado de combustíveis líquidos.

Já ao Departamento de Estudos Econômicos (DEE) do Cade caberá a atualização de estudos previamente realizados sobre o setor, em particular os filtros econométricos para detecção de cartéis. A portaria também determina a atualização de notas técnicas e estudos relacionados às iniciativas de advocacia da concorrência, incluindo

Ed Alves/CB/DA Press



Medida tem o objetivo de combater condutas anticompetitivas

a revisão e atualização do Caderno Setorial sobre Distribuição e Varejo de Combustíveis Líquidos, avaliando a pertinência de elaborar estudo específico sobre o mercado de refino.

O Cade também buscará maior interlocução sobre o tema com outros órgãos, como a Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP); a Receita Federal e as Secretarias Estaduais de Fazenda; a Secretaria Nacional do Consumidor (Senacon) e as entidades de defesa do consumidor; o Ministério de Minas e Energia; o Ministério Público; a Advocacia-Geral da União; a Polícia Federal

e as Polícias estaduais.

Audiência pública

O Conselho ainda realizará neste ano uma audiência pública sobre os problemas concorrenciais do setor de combustíveis líquidos, com a participação de especialistas do setor e dos representantes da Academia; das empresas representativas do setor de produção, refino, distribuição e varejo de combustíveis líquidos; dos representantes dos órgãos reguladores; dos representantes dos consumidores; e dos representantes da sociedade civil.